

SIMPOSIO TEMÁTICO 21
LITERATURA E MÍDIA

Coordenadora:

Prof.^a Dr.^a Nize Maria Campos Pellanda (UNISC)

23/08/2017 – QUARTA-FEIRA

15:30 – 17:30

7286 - CRÍTICA À MÍDIA NAS DISTOPIAS PÓS-MODERNAS DE JOGOS VORAZES E BLACK MIRROR

Anna Carolyna Barbosa (UFSJ)

Os sentimentos positivistas de Platão (340 AEC) e More (1516 EC) incentivam o aparecimento de um tipo de escrita de grande repercussão no pensamento de vários escritores e filósofos, que tende a imaginar um mundo melhor onde as leis são cumpridas de forma eficaz e bens materiais não são importantes. Esse tipo de texto recebe o nome de Utopia. Reagindo a esse estilo de escrita e ao momento vivido pela Europa no início do século XX, surge uma expressão artística caracterizada por ser o oposto direto do pensamento utópico - a literatura distópica. As distopias do século XX são, predominantemente, extrapolações daquilo que os escritores sentem que são efeitos destrutivos e desumanizantes da tecnologia e das mudanças tecnológicas. Baseado no caráter crítico, predominante nas obras de distopia, este trabalho objetiva analisar e relacionar duas obras de conteúdo distópico: o livro de Suzanne Collins, Jogos Vorazes (2008), e o segundo episódio da segunda temporada da série do serviço de streaming Netflix, Black Mirror (2011), intitulado The White Bear (2013). Utilizando-se das teorizações presentes em *Dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism* (1994), de Keith M. Booker; *Technology and dystopia* (1975), de Fogg; *Janelas Indiscretas* (2011), de Eneida Maria de Souza; e *Condição Pós-Moderna* (2014), de David Harvey, este trabalho busca se aprofundar e discutir a crítica realizada pelas obras aos Reality Shows, acentuada por meio da utilização de mídias, como a televisão, para a espetacularização como forma de repressão de atos considerados criminosos.

Palavras chave: Literatura Distópica. Espetáculo. Mídia. Reality Show.

7548 - O "EU" NO CONTEMPORÂNEO: NARRATIVAS DE SI NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Ana Cláudia de Almeida Pfaffenseller (UNISC)
Fabiana Piccinin (UNISC)

Nize Maria Campos Pellanda (UNISC)

As redes sociais da web estão arraigadas na vida de um número muito grande de sujeitos na atualidade. Estes estão cada vez mais conectados, especialmente no Facebook, que representa o maior e mais acessado site no que se refere às redes sociais do contemporâneo. Se a modernidade almejava a beleza, a limpeza e a ordem, hoje vivemos uma época de transição, que aponta para um tempo em que, conforme Bauman (2007), passamos da fase "sólida" para a fase "líquida". Inegável é que o mundo está se transformando e, nesta fatia de tempo, cada vez mais convivemos com tecnologias conectadas à Internet – esta, que proporcionou diversas mudanças para a sociedade. No presente trabalho, estudamos as narrativas de si que emergem do Facebook, visto que toda a rede é baseada na figura do indivíduo. E são as narrativas de si, do "eu", ou "autonarrativas" encontradas nas postagens de nove sujeitos voluntários, usuários do Facebook, que foram observadas, no período de quatro meses, no decorrer do presente estudo. O intuito de tal observação, ou seja, da pesquisa, foi buscar compreender como as narrativas do "eu" insurgem na rede social Facebook, quais as características dessas autonarrativas, o que os sujeitos escrevem sobre si, quais as temáticas que emergem das autonarrativas, se tais narrativas, especialmente as que se referem a temas do foro íntimo, são uma maneira de os indivíduos conquistarem visibilidade e se inscreverem no mundo midiático, bem como se são uma forma de construção autopoietica dos sujeitos. Sendo assim, após a caminhada teórico-metodológica, chegamos a algumas considerações finais, a mais importante delas foi a de que estudar as narrativas, principalmente no tempo das tecnologias comunicacionais contemporâneas é entender, em última análise, o processo de existência.

Palavras-chave: Narrativa. Contemporâneo. Eu. Redes Sociais. *Facebook*.

7253 - O CONTRADITÓRIO EM JOACHIM MAHLKE - UMA MOSTRA DA COMPLEXIDADE DA VIOLÊNCIA EM GATO E RATO, DE GÜNTER GRASS

Sabrina Siqueira (UFSM)
Andrio J. R. dos Santos (UFSM)
Rosani Ketzer Umbach (UFSM)

Este trabalho é uma análise da personagem Joachim Mahlke na obra *Gato e Rato*, romance publicado em 1961, pelo escritor polonês Günter Grass. Mahlke encerra a necessidade humana de pertencimento e a desobediência ao sistema político-ideológico vigente na Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial. A contradição se expressa desde o início, quando o adolescente é um outsider que se esforça por aprender a nadar e supera os colegas nas aptidões físicas. Quando isso acontece, Mahlke parece indiferente quanto à interação social, mostra-se desafiador nas regras da escola e cada vez mais devoto a Virgem Maria. No entanto, ele parece sempre agir para entreter uma audiência e vislumbra na adesão ao Exército um ritual de pertencimento em uma escala maior que a representada pelo universo escolar. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo é análise literária e revisão bibliográfica sobre questões concernentes à violência, com os

autores Jaime Ginzburg e Wolfgang Sofsky, e questões acerca da identidade, com Stuart Hall e Eric Landowski. Interessado em entender a motivação humana em tomar parte na máquina de violência nazista, Grass parece dizer com esse romance que não é simples estabelecer uma divisão entre bons e maus, simplesmente porque não são simples as motivações pessoais e cada ser traz em si a potencialidade de ser manipulado e perseguido ou de se tornar manipulador e perseguidor. Como Mahlke, cada um pode ser, ao mesmo tempo, gato e rato.

Palavras-chave: Gato e Rato. Günter Grass. Pertencimento. Violência.

7517 - CONTOS DE MISTÉRIO: UMA ESTRATÉGIA DE APREENSÃO DO SENTIDO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lia Mara Dariz Roman

O trabalho é parte da pesquisa realizada para elaboração do TCC com objetivo de trabalhar narrativas curtas, tendo por base o ensino da leitura crítica. A pesquisa foi desenvolvida na Escola EMFA, Ilópolis/RS, com 13 alunos da 8ª série. A escola tem a tarefa institucional de garantir ao aluno habilidade de ler e escrever como condição indispensável ao exercício pleno da cidadania. Pensando nesse importante papel é que propusemos o trabalho com “contos de mistério”. Buscamos embasamento teórico nos documentos de referência da educação que tratam da leitura (PCN), assim como em pesquisadores renomados da área como Magda Soares e Paulo Freire. A escolha do uso da leitura crítica deu-se por percebermos uma valiosa estratégia de ensino, pois, supostamente, teríamos um leitor com uma postura em que não apenas daria sua opinião para agradar o autor, muito pelo contrário, ele apontaria falhas que pudessem comprometer o texto, emitindo opinião. É de se levar em conta que as considerações desse leitor crítico se baseiam em sua experiência e, fatalmente, podem ser influenciadas por seu gosto, mas os tornará menos manipuláveis, críticos e conscientes. Assim, suscitamos alguns questionamentos: Qual o espaço destinado ao trabalho com contos nos anos finais do Ensino Fundamental? Quais as repercussões das leituras com o gênero em sala de aula? O gênero literário contribui para formação do leitor crítico? Como forma de respondê-los, acreditamos que o uso dos contos poderia favorecer o desenvolvimento da criticidade em relação à leitura, quando utilizados interdisciplinarmente. Os resultados, no entanto, não foram os esperados, pois os alunos não foram preparados para emitirem opinião, nem oralmente e nem por escrito, em relação ao que leem. Torna-se necessário um trabalho efetivo interdisciplinar com estratégias abordadas pelos professores da escola voltado para o microcosmo onde são realizados os processos de leitura: a sala de aula.